

Índice

Zygmunt Bauman, analista da sociedade "líquida"	1
Conversar e conectar, um remédio "anti-birras"	3
"Horizonte Profundo – Desastre no Golfo"	4

Zygmunt Bauman, analista da sociedade "líquida"

Zygmunt Bauman (1925-2017) foi, talvez, o mais lido dos sociólogos "filosóficos" atuais. Tornou-se célebre a sua análise da mentalidade pós-moderna, que qualifica de "líquida", com uma intuição que aplica a diversas dimensões da sociedade. Foi editado este ano o livro "Estranhos à nossa porta" (Jorge Zahar Editor, 2017) sobre as ondas migratórias e os problemas dos refugiados, tema que já havia tratado em "Archipiélago de excepciones" (Editorial Katz, 2005) e noutras obras.

Bauman, na sua juventude, foi comunista. Segundo contou, a leitura de Antonio Gramsci ajudou-o a rejeitar a ortodoxia soviética, sem renegar Marx, mas adotando um socialismo que tinha de contar com as modificações produzidas na vida social, económica, cultural, com as novas sensibilidades e com a queda do universo do Gulag.

Homem de amplas e diversas leituras, foi capaz de dizer que em Italo Calvino, concretamente em "As cidades invisíveis", aprendeu mais do que em qualquer outro sítio. Isso porque Calvino, com a sua imaginação, acertou no prognóstico do que seria o futuro.

Zygmunt Bauman soube combinar a história social, a sociologia e a filosofia (onde se nota uma grande influência de Emmanuel Levinas) para uma análise da modernidade, partindo, como outros escritores judeus (Hannah Arendt ou Theodor Adorno) do confronto dos alegados ideais da Modernidade com essa realidade trágica que foi o Holocausto. Em "Modernidade e Holocausto" (Jorge Zahar Editor, 1989) Bauman individualizou uma nota não necessária (nada o é na história) mas previsível: a tendência da Modernidade de orga-

nizar eficientemente a sua capacidade de destruição. Na realidade, essa falência da Modernidade aconteceu já na guerra de 1914-1918, que fez escrever a Paul Valéry a célebre frase de que "agora sabemos que as civilizações são mortais". Na realidade, sabia-se isso desde sempre.

A fama de Bauman acontece principalmente a partir do livro "Modernidade Líquida" (Jorge Zahar Editor, 2001), que é como designa aquilo que os outros entendem por pós-modernidade. Esgotada a Modernidade, terminada a confiança (como tinha escrito Jean-François Lyotard) nos grandes escritos ideológicos (liberalismo, comunismo), as sensibilidades optam pelo fluido em vez do sólido, o nomadismo em vez do sedentarismo, o consumo extremo, as relações descartáveis, os poderes económicos da globalização – que torna impotentes os "Estados locais" -, os danos colaterais que produzem marginalizados da vida, a cegueira moral que impede a consistência de valores comunitários...

De 1999 até 2017 (morreu em janeiro), Bauman não deixou de baralhar a mesma tese, tratando-a de diversos pontos de vista: a economia, a cultura, a arte, o tempo, o amor, a educação, a ética, etc. e, nos últimos tempos, os refugiados. São livros relativamente agradáveis, embora por vezes se enrede nesse tipo de pensamento circular (ao que parece, muito polaco) que torna um pouco difícil acompanhá-lo.

Bauman criou uma imagem feliz – o líquido – para englobar uma série de fenómenos que estão por aí e que já haviam sido estudados por outros (Pierre Bourdieu, Daniel Bell, Alain Touraine, Jean-François Lyotard, Gilles Lipovetsky, etc.). Um dos traços mais evidentes é uma espécie nova de individualismo: um individualismo que o é tanto por escolha como por necessidade, porque a sociedade, não é que "não exista", como disse Margaret Thatcher, mas perdeu a sua capacidade

de reparar as suas lesões e cicatrizar, produzindo cada vez mais marginalizados.

Ao mesmo tempo, muita gente pensa que acontece rigorosamente o contrário, graças, por exemplo, às redes sociais. Mas, como salienta bem Bauman, essas redes, embora úteis, são também uma armadilha. Ter amigos dessas redes não é estar em comunidade, porque o chefe indiscutível dessa suposta comunidade é quem admite ou exclui aqueles que desejar. Ou nas suas próprias palavras: “Numa vida de emergência contínua, as relações *virtuais* superam facilmente o real. Mesmo que seja antes de tudo o mundo *offline* o que impulsiona os jovens a estar constantemente em movimento, tais pressões seriam inúteis sem a capacidade eletrônica de multiplicar os encontros interpessoais, o que lhes confere um caráter fugaz, descartável e superficial. As relações virtuais estão equipadas com as teclas *suprimir* e *spam* que protegem das pesadas consequências (sobretudo, a perda de tempo) da interação em profundidade”.

Zygmunt Bauman salienta também o paradoxo de que, numa época com abundância de meios de comunicação, essa comunicação não deu como resultado a união, mas a fragmentação. Fragmentam-se a vida, o trabalho, o lazer, tudo encarado como bens individuais sem o horizonte de uma totalidade humana. Fala de um “individualismo desenfreado”, onde cada um joga o seu jogo.

Outra das características da pós-modernidade é o medo “líquido”. Mais uma vez, Bauman vê-o como consequência da falência da Modernidade. Na Modernidade, pensava-se que, graças à razão, às ciências, às técnicas, ao Progresso, a humanidade caminharia já decididamente rumo a uma alargada felicidade social. Agora, pelo contrário, existe um medo mutante que se deseja esquecer, mas não se pode, porque estamos perante os desastres naturais (Bauman dedica muita atenção às consequências do Katrina) e os muito calculados, mas, para as vítimas, imprevisíveis atentados do jihadismo islâmico. Assim, uma sociedade que pretende a “liquidez” da ausência de compromissos duráveis, vê-se assediada, pelo contrário, por medos duráveis.

Em “Múltiplas culturas, uma só humanidade”, Bauman glosa um tema antigo e bem conhecido, mas hoje algo obscurecido pela insistência no multiculturalismo. Esta insistência é “líquida”, porque o multiculturalismo é utilizado para justificar qualquer abordagem com a explicação de que “é próprio dessa cultura”. Embora se afirme o óbvio, que todos os seres humanos são uma mesma raça, o multiculturalismo leva paradoxalmente a marcar fronteiras identitárias, resultando simultaneamente num mundo globalizado e fragmentado. O medo do estranho, do diverso, do que vem de fora, não só não desapareceu, como tende a crescer.

A tese de fundo – “a liquidez” – não mudou; os numerosos livros posteriores apenas fornecem matizes, desenvolvimentos e, porque não o referir, muitas repetições. Observa-se um certo enamoramento dessa liquidez da qual se tornou, ao mesmo tempo, crítico e propagandista. O seu terror pelo sólido

faz com que às vezes as suas propostas sejam também algo líquidas.

A verificação que Bauman faz da “liquidez” é substancialmente verdadeira, mas mais na atual cultura ocidental do que noutras. Por exemplo, é difícil qualificar o Islão de “líquido” e fácil vê-lo como “sólido”, mesmo pré-moderno. Na altura de propor soluções para um diagnóstico geralmente pessimista, Bauman não avança, quase se torna “líquido”.

Em seguida, procuro esboçar o que poderia ser um caminho para, não a “solidez” da Modernidade racionalista e “progressista”, mas para a constituição de verdadeiras redes comunitárias.

Bauman não diz – pelo menos não com suficiente clareza – que a autêntica comunidade (tanto no dever ser como na realidade, quando se produz) é o resultado de ações individuais valiosas, de amor em sentido estrito, de que me importa o outro tanto como eu próprio. É a soma dessas atitudes valiosas a que constrói qualquer comunidade digna do homem. Uma comunidade que não pode suportar nem a injustiça, nem a exploração, nem a marginalização.

Quando se refere ao socialismo, Bauman alude a algo parecido ao que estava nas origens da indignação do jovem Marx, mas que a seguir, feito teoria, deu lugar à desumanização que traz consigo o coletivismo. Uma comunidade não o é realmente se não redundar no bem de cada um dos que a integram; é o que procurou mostrar em “La realidad fragmentada. El individuo y las instituciones” (“Aceprensa”, 29.6.2016). Haverá sempre individualidade, porque as ações são sempre do indivíduo; do que se trata é de que essas ações individuais não caiam num egoísmo, seja “sólido” ou “líquido”, mas numa justa e amistosa consideração do outro e das suas necessidades.

Algo disto já dizia Bauman em “Ética Pós-moderna” (Paulus Editora, 1993), quando, após muitas subtilidades, nem sempre claras, afirmava: “Cada vez compreendemos melhor que deve ser a capacidade moral do ser humano o que o torna capaz de formar sociedades”. Ou, mais claro ainda: “A responsabilidade individual, último bastião e esperança da moralidade”. Mesmo que, nesta época, Bauman ainda não falasse do “líquido”.

Sejam quais forem os males da globalização, o remédio não reside em soluções “globais”. Assim como a globalização é o resultado de uma soma de políticas e decisões interessadas e às vezes injustas, mas adotadas sempre por indivíduos, uma solução “global” tem de ser a soma de atuações justas e equitativas. Um mundo globalmente justo ou, pelo menos que tenda para isso, exige algo como uma “conversão” à justiça de um número suficiente de indivíduos, sobretudo dos que têm nas suas mãos o poder económico e indireta mas eficazmente o político.

Deve ter-se em conta que, como sucedeu sempre, a justiça, sendo imprescindível, não basta. Tem de haver também misericórdia, como, de forma clarividente, destaca continuamente o Papa Francisco. Não existe uma misericórdia “global”,

mas atos concretos de misericórdia. A catequese cristã individualizou-os em “sete corporais” e “sete espirituais”.

Na sua obra “Cegueira Moral” (Relógio D’Água Editores, 2016), escrita juntamente com o politólogo Leonidas Donskis, Bauman fala da “possibilidade da redescoberta de um sentido de pertença como alternativa viável à fragmentação, à atomização e à resultante perda de sensibilidade”. É assim, mas não é algo privativo da modernidade “líquida”. O sentido de pertença (a uma comunidade) nem se dá nem se deu nunca espontaneamente, sendo sim um trabalho individual, pessoal e recíproco, de construir laços reais, de justiça e de amor. O primeiro lugar dessa construção é a família; por isso, a “liquidação” da família é o obstáculo principal para a criação de um sentido de pertença.

Ao criticar simultaneamente “o sólido” – a Modernidade anterior – e “o líquido”, pode-se chegar à conclusão de que qualquer solidez é algo negativo. Penso que Bauman não se oporia a um sólido sentido de pertença em que os indivíduos se vissem reconhecidos e com os seus direitos garantidos. A solidez é uma qualidade que pode existir tanto no mau como no bom.

Ao lado de muitos acertos, observei na obra de Bauman algumas carências, talvez porque era um bom sociólogo, mas não tão bom filósofo. Contudo, não deixou de ser uma das melhores testemunhas e analistas do que se tem vindo a passar no Ocidente.

Costumam agrupar-se as obras de Bauman em dois períodos, o de Varsóvia (1957-1966) e o de Leeds (1972-2017). As do primeiro período tiveram pouca difusão. E nas traduções, às vezes, foram editados muito tarde livros antigos. Eis uma seleção de títulos:

“Ética Pós-moderna” (Paulus Editora, 1993); “Modernidade Líquida” (Jorge Zahar Editor, 2001); “Medo Líquido” (Jorge Zahar Editor, 2006); “Amor Líquido” (Relógio D’Água Editores, 2008); “Vida para consumo” (Jorge Zahar Editor, 2008); “A Sociedade Sitiada” (Instituto Piaget, 2010); “El tiempo apremia” (Arcadia, 2010); “Mundo Consumo” (Paidós, 2010); “Daños colaterales. Desigualdades sociales en la era global” (Fondo de Cultura Económica, 2011); “Socialismo. La utopia activa” (Nueva Visión, 2012); “A riqueza de poucos beneficia todos nós?” (Jorge Zahar Editor, 2015); “Cegueira Moral” (Relógio D’Água Editores, 2016); “A Arte da Vida” (Relógio D’Água Editores, 2017); “Estranhos à nossa porta” (Jorge Zahar Editor, 2017); “Retrotopia” (Paidós Iberica, 2017).

R. G. P.

Conversar e conectar, um remédio “anti-birras”

A cena de uma criança a revolver-se no solo – na rua, numa loja ou no metropolitano –, enquanto solta gritos de mezzo-soprano e reclama um doce, um brinquedo ou, resumindo, que se faça a sua vontade em determinado assunto, coloca em maus lençóis diversos pais que não sabem o que fazer: se lhe dar uma pancada na cabeça – arriscando-se à desaprovação do público – ou satisfazer de imediato o seu capricho desde que se cale.

O que seria surpresa, perante a birra, é que o pai se agache e peça um abraço à criança. E seria um assombro mais ainda que, em resultado disso, a criança se acalmasse. Mas acontece. Pelo menos é a experiência dos impulsionadores da denominada Disciplina Positiva (DP), uma estratégia educativa que não procura tanto premiar o bom comportamento – em última análise, valeria a pena portar-se mal para que, limitando-se a deixar de o fazer, já haveria lugar a uma recompensa –, enfatizando sim em fazer compreender à criança as consequências dos seus atos e em encorajá-la a adotar melhores decisões.

Se o objetivo é modular a conduta da criança, os pais terão de aprender a como o fazer. Para isso, existe um conjunto de regras esboçadas na *web* da Associação de Disciplina Positiva, dos EUA, que vão desde a necessidade de se mostrar simultaneamente firme e amigável, até à de “conectar” emocionalmente com o menor para lhe fazer experimentar um sentido de responsabilidade: não se trata de decisões do adulto a que ele deve obedecer com um “sim ou sim”, mas de regras lógicas, compreensíveis, cujo cumprimento beneficia a ambos.

A DP não é uma iniciativa recente. Já nos anos 20 do século passado, os psiquiatras Alfred Adler e Rudolf Dreikurs avançaram com a ideia de tratar com respeito as crianças e, ao mesmo tempo, evitar ter para com elas excesso de superproteção, que podia acabar por desencorajá-las e provocar-lhes problemas de comportamento.

Nos anos 80, as psiquiatras norte-americanas Jane Nelsen e Lynn Lott retomaram e atualizaram o modelo. Em novembro passado, por ocasião da ida a Espanha de Jane Nelsen, o diário “El Mundo” (23.11.2016) sublinhou algumas das ferramentas e situações citadas pela especialista durante uma conferência em Madrid. Assim, por exemplo, referiu a já mencionada ligação emocional vinculada à correção (“gosto de ti, mas a resposta é não”), a substituição das ordens por uma interrogação que parta da criança (antes de dizer “vai lavar os dentes”, uma abordagem que o convida a raciocinar: “O que tens de fazer para não teres problemas com os dentes?”), etc.

E, evidentemente, não deixar de aplaudir os resultados positivos. O estímulo passa aqui do clássico prémio da bicicleta “se te portares bem” – mais próprio de uma relação quase de compra e venda –, para a aprovação simples como meio de

compensação. A criança, em síntese, deve exercitar as boas maneiras, estudar, recolher os seus brinquedos e ir dormir à hora indicada mesmo que não haja qualquer bicicleta para lhe oferecer. Deve fazê-lo porque é positivo para ela, e têm de lhe ser expostos os argumentos para que o entenda e o incorpore.

Existem bastantes estudos onde se constata a pertinência de abandonar o perfil autoritário ou o laxista, tanto na criação dos filhos, como na educação daqueles que já levam vários anos de frequência nos bancos da escola.

Os hábitos nocivos são, por exemplo, um problema um pouco mais evitável onde se implementam os princípios da DP, chame-se isso assim ou de outro modo. Um estudo realizado por Bruce Simons-Morton e uma equipa de docentes de várias universidades norte-americanas, intitulado "Influências de companheiros e pais nos hábitos de beber e de fumar na primeira adolescência", revelou que os adolescentes cujos pais se mostram mais interessados na sua vida e têm expectativas mais elevadas em relação ao seu comportamento, encontram-se em menor risco de se iniciarem no consumo de drogas.

Os especialistas que examinaram uma amostra de 4263 estudantes, concluíram: "Os adolescentes que percebem que os seus pais têm por eles maior consideração, ao fazer-lhes saber que gostam deles, os respeitam, os levam a sério, os escutam e lhes apresentam razões para as regras e as decisões que lhes dizem respeito, têm menos possibilidades de fumar ou beber".

Outras investigações, por seu turno, põem o foco nas "abundantes provas" de como os adolescentes a quem são ensinadas competências sociais têm mais possibilidades de obter sucesso na escola, assim como uma menor propensão para desenvolver problemas de comportamento. Uma experiência a partir de aulas implementadas de acordo com o modelo da DP numa escola de Sacramento, Califórnia, em finais dos anos 70, levou ao fim de quatro anos a uma diminuição das expulsões temporárias (de 64 para 4 por ano) e dos episódios de vandalismo (de 24 para 2), ao mesmo tempo que os professores destacaram uma mudança positiva na atmosfera geral da escola.

Tendo em conta os resultados – duradouros, além disso –, talvez valha a pena, perante a birra, não erguer o cinto para bater, nem prometer a bicicleta. Que se dê lugar à palavra.

L. L.

"Horizonte Profundo – Desastre no Golfo"

"Deepwater Horizon"

Realizador: Peter Berg

Atores: Mark Wahlberg, Kurt Russel

Duração: 95 min.

Ano: 2016

Em abril de 2010, uma plataforma petrolífera no Golfo do México explodiu e o filme descreve o que ocorreu, devido a falhas humanas umas após outras...

A plataforma de perfuração em causa era das mais modernas e fizera com sucesso um furo a cerca de 5000 metros debaixo de água. Era o último dia em ação, pois ia "tapar o furo", para mais tarde vir a plataforma de exploração reabrir o "furo" e começar a retirar o petróleo. A equipa encarregue de fechar o furo terminara o seu trabalho e vai para terra, enquanto chega um novo turno para finalizar tudo. Os responsáveis da empresa querem terminar depressa para pouparem nos custos. Entretanto, um dos funcionários mais experientes repara que os testes de segurança não tinham sido efetuados. O chefe da empresa diz que não é grave, mas cede em fazer um dos testes por precaução. O resultado parecia correto, mas algo dizia que não... No entanto, o chefe da empresa manda que tudo continue a ser feito para acabarem o trabalho depressa. De repente, "a tampa" debaixo de água solta-se e o petróleo sobe causando uma explosão onde morrem logo 11 operários. Uns vão para os salva-vidas e outros atiraram-se à água em chamas, sendo salvos por um navio que estava perto.

Só ao fim de 87 dias se fechou o "furo" e toneladas de petróleo chegaram às costas dos EUA. O processo em tribunal merece ser estudado. É melhor perder um minuto na vida "nos detalhes" do que perder tudo por minutos...

Tópicos de análise:

1. As chefias devem ouvir e valorizar a opinião dos mais experientes.
2. Os testes de segurança servem para prevenir e "desprezá-los" pode ser fatal.
3. Pôr a vida das pessoas em primeiro lugar, credibiliza uma empresa.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

